

OROPA, FRANÇA E BAHIA OU QUANDO AS MADAMES VIAJAM

Simone Pereira Schmidt¹

Resumo: O artigo busca colocar em diálogo dois textos herdeiros da tradição romanesca oitocentista em Portugal, que operam releituras da obra de Eça de Queirós: o romance *Nação crioula*, do angolano José Eduardo Agualusa, e a peça teatral *Madame*, da escritora portuguesa Maria Velho da Costa. Através dos cruzamentos desses dois textos, enfocando as personagens femininas, pretende-se analisar sua construção na perspectiva do “deslocamento” paródico que promovem em relação às obras de origem, à luz de alguns temas relevantes para os estudos feministas e pós-coloniais.

Abstract: This article intends to compare two texts that “reread” Eça de Queirós’s novel: José Eduardo Agualusa’s *Nação crioula*, and Maria Velho da Costa’s *Madame*. By crossing this two texts, and focusing on feminine characters, it discusses the “parodic displacement” and some other subjects that concern to postcolonial and feminist studies.

Palavras-chave: Literatura pós-colonial. Mulher e literatura. Estudos feministas e pós-coloniais.

Key words: Postcolonial literature. Woman and literature. Postcolonial and feminist studies.

Há mais de cem anos, Eça de Queirós desenhava com fino traço o retrato do Portugal de fim de século. Com sua conhecida pena irônica e mordaz, destacou-se, dentre os de sua geração, como um dos críticos mais implacáveis da falência anunciada do Império lusitano no além-mar. Ao focar com seu olhar irrequieto os pequenos (e grandes) ridículos da sociedade portuguesa da época, o romancista português esboçou um projeto crítico que abarcava não apenas o seu país e o seu momento histórico, mas apontava para os equívocos de um projeto de modernidade e de cultura que se colocavam

¹ Universidade Federal de Santa Catarina - Pesquisadora do CNPq.

a serviço do modelo colonial europeu de então, onde, como sabemos, Portugal ocupava um lugar indiscutivelmente periférico.

Ao final de mais um século, podemos retomar a proposta queirosiana, fazendo sobre ela incidir uma nova reflexão, a partir da leitura de dois autores contemporâneos, um angolano e uma portuguesa, que revisitam sua obra. *Madame*, de Maria Velho da Costa, e *Nação crioula*, de José Eduardo Agualusa, são dois textos que compartilham uma mesma particularidade: ambos se debruçam sobre a obra de Eça de Queirós e se dedicam a sua releitura. Não se trata, porém, de simples homenagem. Na forma de duplo discurso, marcadamente paródico, em que se apresentam, os dois textos reencenam os dramas das personagens queirosianas, mas em outra perspectiva: deslocadas no tempo – pois, lidas no século XXI não se prendem mais ao momento histórico que primeiro as iluminou –, e deslocadas também no espaço, já que deslizam num eixo que liga, inusitadamente, a Europa, o Brasil e a África.

Madame é um texto para teatro, encenado no ano 2000, tanto em Portugal como em algumas cidades brasileiras. Nele, a autora enfrenta o desafio de fazer reviver nada menos do que Capitu, de Machado, e Maria Eduarda, de Eça. Duas personagens ilustres, tão ilustres quanto emudecidas pela história literária. Quem sabe o que aconteceu a Capitu, dissimuladamente enviada para a Suíça, sem previsão de retorno? Quem presenciou o sofrimento de Maria Eduarda ao descobrir, de um só golpe e na mais absoluta solidão, a verdade inteira de seu trágico destino? Lembro-me dos versos de Florbela Espanca, num poema que coincidentemente se intitula “A minha dor”²: “ninguém ouve... ninguém vê... ninguém...” ...Abandonadas por seus narradores, e conseqüentemente também por seus leitores, elas sofrem caladas os seus dramas, os seus exílios, até que em *Madame*, não estão mais sozinhas. Capitu e Maria Eduarda ganham agora, em primeiro lugar, a amizade que as une uma à outra, e conquistam ainda, a cumplicidade do leitor/espectador, que deseja ouvir, ainda que tarde, as suas vozes.

O romance *Nação crioula*, de 1997, provoca-nos um certo estranhamento. A começar por seu título, já que *nação* e *crioulo* parecem ser palavras que não se podem juntar, por seu nenhum parentesco. E depois, a estranha sensação que temos em sua leitura é a de encontrarmos um velho conhecido no lugar errado. Ora, quem vemos lá! O nosso bom Fradique Mendes, o mais galante, refinado, cosmopolita, o mais europeu dos portugueses do século XIX, que serviu de modelo a toda uma geração de jovens intelectuais bem nascidos... vivendo em África! Pois é exatamente este o estranhamento que nos

² ESPANCA, Florbela. *Poemas* (org. Maria Lúcia Dal Farra). São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 138.

quer provocar o angolano José Eduardo Agualusa, ao relatar que Fradique Mendes viaja a Angola e lá permanece, enamora-se de uma ex-escrava, torna-se abolicionista, casa-se, vai ao Brasil e se faz senhor de engenho, procria, faz descendência... Na forma epistolar, como é seu costume, relata suas muitas peripécias a sua eterna confidente, Mme. De Jouarre, bem como a outros interlocutores, dentre os quais se inclui o próprio Eça de Queirós.

O leitor já percebeu, a esta altura, em que labirinto nos metemos: estamos a lidar com *Madame*, que nos leva a *Os Maias* e ao *Dom Casmurro*, e também com *Nação crioula*, que nos remete à *Correspondência de Fradique Mendes*, personagem quase heterônimo de Eça. Encontramo-nos, como se vê, em plena Biblioteca de Babel. Como não é possível falar muito em pouco tempo e espaço, escolhi organizar algumas idéias em torno de algumas palavras, que servirão como guias do percurso. São três as palavras.

A primeira delas é subaltermidade, e se desenvolve a partir da chegada do nosso elegante Fradique às terras africanas. Refiro-me, claro, ao Fradique de Agualusa. Para o “civilizado” do século XIX era uma aventura galante atravessar o Canal e chegar às terras exóticas do Oriente. “Chique a valer”, diria um personagem queirosiano. Fradique, nas palavras de Eça, era “um ocidental besuntado de literatura, e inclinado a ver por toda a parte, reproduzidas no moderno Oriente, as muito lidas maravilhas dessas “Mil e Uma Noites” que ninguém jamais leu”³. Para o sujeito exemplar que Fradique era, o que contava, no momento em que punha seus pés em terras orientais, não era tanto o que via, mas aquilo que imaginava a partir do que lera. Ou seja, para ele, como para todos os ricos europeus viajantes de sua época, o Oriente era antes de mais nada uma invenção. Ou aquilo que Edward Said chamou de “uma das mais profundas e recorrentes imagens do Outro”⁴ que a Europa criou. Inventar o Outro é, como sabemos, tentar domesticar o diferente: buscar a certeza de que diante de mim está o não-eu, o estranho, o bárbaro, o irracional, sensual, inculto, em resumo – o inferior. Jamais essa visão do Oriente foi mais atual do que agora, nestes tempos sombrios que atravessamos, quando os EUA, em nome da civilização de que se afirmam os representantes, organizam uma nova cruzada anti-islâmica para apagar simbolicamente a memória recente de suas torres em chamas.

A chegada de Fradique Mendes a Angola, em *Nação crioula*, de certo modo confirma essa visão:

³ QUEIRÓS, José Maria Eça de. *A correspondência de Fradique Mendes*; vol. 1: memórias e notas. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 40.

⁴ SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 13.

Minha querida madrinha,
Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirado para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento inquietante de que havia deixado para trás o próprio mundo.⁵

Na mesma cena, Fradique olha penalizado para seu impecável criado escocês, sofrendo já o impacto da “barbárie”:

Olhando a cidade que se erguia fatigada à minha frente pensei que não devia ter trazido o Smith. Vi-o desembarcar, tentando manter o aprumo de Escocês antigo enquanto cavalgava os dois negros, a perna direita no ombro esquerdo de um deles, a perna esquerda no ombro direito do outro. Chegou junto a mim lívido, descomposto, pediu perdão e vomitou.

E o que diz o nosso *gentleman* português ao seu criado, ali mesmo, ao desembarcar na estranha terra africana? “– Bem vindo a Portugal!” – é o que ele diz.

O que nos ocorre pensar acerca de tal gracejo é sobre a curiosa identidade que de algum modo existe entre Portugal e suas ex-colônias. Boaventura de Sousa Santos já tratou deste tema, classificando a cultura portuguesa como a de um país semiperiférico: “(...) demasiado próximo das suas colônias para ser plenamente europeu (...) demasiado longe da Europa para poder ser um colonizador conseqüente”.⁶ A carta que o Fradique de Agualusa envia ao seu amigo Eça de Queirós diz bem dessa visão desencantada do português “civilizado” para a “choldra torpe” em que se foi tornando o seu país, e também o seu malogrado projeto colonial:

A presença portuguesa em África lembra-me aliás um episódio recente. Estando eu de visita ao meu Engenho Cajaíba, vi passar um homem a cavalo. O homem deixava-se levar pelo animal, quase deitado, quase caindo, o chapéu tombado sobre os olhos, e por instantes acreditei que estivesse morto ou adormecido. “Incrível!”, comentei para Ana Olímpia, “já reparou como aquele homem vai montado?”.
– Montado? Estranhou a minha amiga – chamas àquilo montar?! Ele vai é depositado!...
Penso naquele cavaleiro como sendo Portugal montado em África. Montado, não, depositado.⁷

Em outras palavras, podemos pensar no conceito de subalterno como algo que

⁵ AGUALUSA, José Eduardo. *Nação crioula*; a correspondência secreta de Fradique Mendes. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998. p. 11.

⁶ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 152.

⁷ AGUALUSA, José Eduardo. Op. Cit., p. 132.

se aplica não apenas à África, real ou inventada, mas também, embora num sentido diferente, à metrópole portuguesa. Assim se confirma o sentimento de Maria Eduarda em relação a Lisboa, quando ela, em paráfrase aberta ao que diziam os homens de *Os Maias*, lamenta: “- Lisboa arrasa, encafua, vocência nem sonha como aquilo é pífiio”⁸.

Ao conceito de subalterno, podemos somar, ou ainda fazer equivaler, um outro: o de colonizado. O inesquecível João da Ega já afirmava, em *Os Maias*, que em Portugal

importa-se tudo. Leis, idéias, filosofias, teorias, assuntos, estéticas, ciências, estilo, indústrias, modas, maneiras, pilhérias, tudo nos vem em caixotes pelo paquete. A civilização custa-nos caríssima, com os direitos da Alfândega: e é em segunda mão, não foi feita para nós, fica-nos curta nas mangas...⁹

Segundo Said, antes da Segunda Guerra, colonizados eram os habitantes do mundo não ocidental e não europeu que haviam sido controlados, e mesmo violentamente dominados, pelos europeus. Hoje, a categoria “colonizado” se expande consideravelmente, e passa a incluir as mulheres, as classes sociais subjugadas, as minorias étnicas e nacionais, entre outros, sem contudo expressar servilismo ou auto-compaixão¹⁰.

É assim que podemos pensar não apenas no Fradique Mendes de *Nação crioula*, mas também em Maria Eduarda e Capitu, as madames, como sujeitos pós-coloniais. E pós-coloniais porque em *Madame*, pela via da paródia, elas respondem à condição de subalternidade, de colonizadas, em que foram mantidas pelas determinações de classe e de gênero das narrativas que as criaram. Enquanto as madames autênticas, as parisienses ricas, ensinaram ao mundo os picantes jogos de sedução da corte, as falsas madames, Capitu e Dudu, de origem obscura e periférica – para não dizer pobres e fora do centro –, tiveram seus desejos de autonomia, de prazer ou simplesmente de dignidade punidos com o degredo, o apagamento definitivo de suas presenças, o silêncio de suas vozes. “Oblíqua e dissimulada, eu, eu?” – pergunta-se Capitu em seu apartamento em Paris. E depois acrescenta: “Quem não tem olhos de ressaca nesta vida de enfado?”¹¹

No texto de Maria Velho da Costa, as falsas madames se vingam. Pela ironia que mais sugere do que afirma, ou pelo riso aberto e debochado, ou ainda pela raiva que

⁸ COSTA, Maria Velho da. *Madame* (versão de cena). Lisboa: Edições Cotovia, 2000. p. 33.

⁹ QUEIRÓS, José Maria Eça de. *Os Maias*. In: *Obra completa*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. p. 83.

¹⁰ Cf. SAID, Edward. Representar al colonizado. In: STEPHAN, Beatriz González (comp.). *Cultura y tercer mundo*. Vol. I: Cambios en el saber académico. Caracas: Nueva Sociedad, 1996. p. 26.

¹¹ COSTA, Maria Velho da. *Op. Cit.*, p. 24-25.

desata, elas fazem de sua presença em cena um modo de desautorizar a “casa patriarcal” que as expulsou. Ao conhecer Maria Eduarda, Capitu apresenta-se como “Capitolina Pádua de Albuquerque e Santiago”, e ri-se daqueles tantos nomes, enfileirados, nomes alheios, tomados de empréstimo. “Tanto nome até que pesa!”¹², ela diz. Sobre o deslumbrante Carlos Eduardo, orgulho da casa dos Maia, Maria Eduarda murmura consigo o seu ressentimento: “Mas é parvo ou quê? Quê. Ele sempre foi quê, aquela besta emproada. Que grande traste. (pausa) Enfim, bom amante, mas que grande traste”¹³. E Capitu, remoendo sua raiva, desabafa:

Eu nunca quis o meu destino, nem que ele se colasse a mim como luva na mão errada, o polegar no mindinho. Eu como e dumo raiva todos os dias. (para si) Marido tarado, filho invertido, viúva de marido vivo, aceitando esmolos dele – eu tenho um berro entalado na goela, menina. Você não entende.¹⁴

“Madame” é termo ambíguo: evoca tanto as senhoras da mais fina sociedade como as donas de casas noturnas, as famosas prostitutas. Maria Eduarda brinca com esse duplo sentido da palavra, ao lembrar seu passado, e especialmente a memória de sua mãe: “(...) conheci Paris e Londres, onde a mamã tinha apartamentos sempre abertos”¹⁵.

É nesse deslizamento de um sentido ao outro, da burguesa à prostituta, que se encontram as duas personagens: “Somos duas desgraçadas, mas ricas, ouviu? ricas.”¹⁶ – diz Maria Eduarda a Capitu.

Assim chegamos, finalmente, às outras duas palavras que norteiam este trabalho, e elas vêm juntas: metamorfose e deslocamento.

À medida que vive suas novas experiências na África, Fradique Mendes vai-se envolvendo com aquilo que vive, com o que vê, e sente-se dia a dia mais sintonizado com tudo que outrora aprendera a considerar exótico, bárbaro, selvagem. Vive profundamente a aventura de descobrir-se outro, experiência que se radicaliza quando se apaixona por Ana Olímpia, a ex-escrava angolana com quem mais tarde se casa. Em poucas palavras, Fradique entrega-se à África, e ao fazê-lo, torna-se sujeito de um processo de mestiçagem, de que sua filha será o melhor fruto. Assim, metamorfoseado, mestiço, o personagem não aprende apenas a aceitar o Outro, mas na verdade o assimila, transforma-se nele.

¹² COSTA, Maria Velho da. Op. Cit., p. 30.

¹³ Id., ibid. p. 69.

¹⁴ Id., ibid. p. 81-82.

¹⁵ Id., ibid., p. 34.

¹⁶ Id., ibid., p. 71.

Também as madames de Maria Velho da Costa vivem a sua metamorfose. Aquelas que vemos em cena não são mais as jovens e sedutoras mulheres que provocaram tão nefastas paixões, de tão arrasadoras conseqüências para si mesmas. Estão velhas, não são mais belas, mas ganharam muito, pois sabem agora o *seu lugar*. Não aquele que lhes impuseram, mas sim um outro que, apesar de tudo, vieram a conquistar. Proscritas, banidas, silenciadas, elas lograram conquistar, por ironia e à revelia de sua primeira vontade, um lugar ao sol em Paris. Paris! Ícone da modernidade, coração do Ocidente, objeto do desejo dos Maias, Egas, Fradiques, Santiagos...

Se as falsas madames conquistaram o centro, ainda que por estranhos caminhos, Fradique Mendes, ao contrário, deslocou-se para fora do centro, fez-se ex-cêntrico. É nessa condição, de ex-cêntrico e a bordo de um navio negreiro chamado *Nação Crioula*, que Fradique acompanha a ex-escrava Ana Olímpia em fuga para o Brasil. No passado, a viagem fora para ele um exercício de elegante cosmopolitismo, mas agora ela se transforma em errância. O contrário da casa/pátria patriarcal é o deslocamento, a perda da fixidez do lugar – o fim da casa. A bordo do *Nação Crioula*, Fradique e Ana Olímpia erram pelo Atlântico. Paul Gilroy¹⁷ chamou de *Atlântico Negro* este mar sem fronteiras, que sem contornos definidos liga as culturas diferentes e dispersas da África, da América e da Europa. Mestiço, transcultural, o *Nação Crioula* pode ser uma bela metáfora deste Fradique em versão pós-colonial inventado por Agualusa.

Se a viagem como errância é o oposto da permanência da casa patriarcal, como foi dito, é também sobre as ruínas dessa casa que Maria Eduarda e Capitu, camaleônicas, metamorfoseadas, fazem a paródia de seus destinos de personagens:

Capitu – Você nunca chora, Dudu?

Maria – Já não. Não tenho a quem nem porquê. Secou. A minha cama, grande, linho e rendas, isso chega para aconchegar-me de enfados e maus passos. A mamã é que tinha coisas de senhora; às vezes dizia (imita Maria Monforte) “Agora vou-me retirar para o quarto, chorar um bocadinho.” (pensativa) Como quem vai ao penico.

E depois, a consolar Capitu, Maria Eduarda tira de uma caixa um enorme chapéu em tons de vermelho:

Capitu (rindo ao espelho) – Que maravilha, que fortuna!

Maria – É a que temos, *alegre comadre*. E como te vai bem!¹⁸

¹⁷ GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

¹⁸ COSTA, Maria Velho da. Op. Cit., p. 89-90.

Ao final de *Os Maias*, Carlos Eduardo e João da Ega lamentam o tempo passado, o tempo perdido:

- Falhamos a vida, menino!
- Creio que sim... Mas todo mundo mais ou menos a falha. Isto é, falha-se sempre na realidade aquela vida que se planeou com a imaginação.¹⁹

O diálogo dos dois amigos nos faz recordar os “vencidos da vida”, grupo de intelectuais a que Eça pertenceu na maturidade, quando escrevia *Os Maias*. Tão céticos, os europeus de fim do século. Pois o avesso desse sentimento de derrota perante as expectativas do passado é o riso paródico e, ao seu modo, e apesar de tudo, triunfante, das madames. Afinal, quem nunca ganhou muito também não teve muito a perder; ser vencido pela vida é marca de privilégio, pois sente-se derrotado aquele a quem foi prometido conquistar tudo.

Na cena final da peça, as amigas celebram a filha que a filha de Maria Eduarda espera. E brincam que são fadas, entidades protetoras e benfazejas, que sentenciam à menina que há de vir:

- Que seja linda!
- Que seja forte!
- Que seja rica!
- Que seja amada!
- Que seja boa!
- (e as duas, rindo) - ...mas não demais.²⁰

Como estratégia de sobrevivência, as duas personagens tiveram que desaprender a “bondade” tão exigida às mulheres, especialmente as do século XIX. Mas em contrapartida elas aprenderam que o lugar do Outro é também um lugar, que pode ser o *seu* lugar, e que é possível transformar um silêncio numa fala, ou num grito, ou mesmo ainda, numa risada. Vestidas luxuosamente, com seus chapéus e adornos, as madames se entreolham, e assim terminam o último ato:

- Maria – Estás uma arara do Paraíso!
- Capitu – E você está um pavão do Reino!²¹

¹⁹ QUEIRÓS, José Maria Eça de. *Os Maias*. Op. Cit., p. 480.

²⁰ COSTA, Maria Velho da. Op. Cit., p. 87-88.

²¹ Id., *ibid.*, p. 90-91.

Enquanto isso, no coração da África, a ex-escrava Ana Olímpia guarda a correspondência secreta de Fradique Mendes. Mãos estrangeiras, mãos de uma mulher negra, seguram o mais precioso legado da melhor geração de *modernos* que habitou Portugal. Longe das grandes capitais estão as cartas. Perto, bem perto do misterioso tempo que o futuro guarda.

Referências

- AGUALUSA, José Eduardo. *Nação crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.
- QUEIRÓS, José Maria Eça de. *A correspondência de Fradique Mendes*; vol. 1: memórias e notas. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- _____. Os Maias. In: *Obra completa*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- ESPANCA, Florbela. *Poemas* (org. Maria Lúcia Dal Farra). São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. Representar al colonizado. In: STEPHAN, Beatriz González (comp.). *Cultura y tercer mundo*. Vol. I: Cambios en el saber académico. Caracas: Nueva Sociedad, 1996.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995.
- COSTA, Maria Velho da. *Madame* (versão de cena). Lisboa: Edições Cotovia, 2000.

Recebido para publicação em 29 de agosto de 2007.
Aceito para publicação em 20 de setembro de 2007.